



“Deu um apagão!”: Enquadramento das revistas Veja e CartaCapital sobre a derrota do Brasil na copa do mundo.¹

Mariana Ramos da SILVA²

Tauane Santana dos SANTOS³

Dalila Carla SANTOS⁴

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

A teoria do enquadramento avalia os critérios de seleção e como a notícia é passada para os leitores. Esse presente trabalho buscou analisar reportagens feitas pelas revistas Veja, da Editora Abril; e CartaCapital, Editora Confiança, sobre a repercussão da derrota da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo 2014, veiculadas em julho de 2014. O estudo analisou as figuras de linguagem e os enquadramentos utilizados, permitindo observar a ênfase nos temas abordados.

Palavras - chaves: Enquadramento; Veja; Carta Capital; Seleção Brasileira;

INTRODUÇÃO

O gênero magazine surgiu com o objetivo de divulgar acontecimentos sobre artes, ciências, com maior conteúdo do que os jornais diários e com a facilidade de armazenamento das edições. Naquele período as revistas eram parecidas com livros, que abordavam assuntos mais específicos. De acordo com Vieira (2014), “o grande embate do jornalismo de revista foi e sempre será a questão da sua periodicidade (variando entre semanal, quinzenal ou mensal) versus a velocidade do noticiário diário” (p.10).

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Estudante do 8º período de Comunicação Social - Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e-mail: mari.mrs.ramos2@gmail.com

³ Estudante do 8º período de Comunicação Social - Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e-mail: tauanesantana8@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social - Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), email: dalisantos@uneb.br



Um dos intuitos principais da revista é ser atrativa aos olhos dos leitores, sem deixar a notícia de lado, com um conteúdo mais abrangente e informativo (VIEIRA, 2014). Como isso as revistas tomaram conta dos meios de comunicação, são diferentes tipos, que abordam os mais diversos assuntos de interesse público.

Desde que surgiu em 1966, as revistas levantaram questionamentos, influenciaram e continuam influenciando a política e a cultura. Tendo um grande destaque na sociedade e no jornalismo, desta madeira, sabe - se que:

Revistas são consideradas história viva. A maioria dos registros visuais que o mundo tem dos séculos 19 e 20 vêm de suas páginas, primeiro em forma de ilustração, depois com a fotografia. Revistas refletem a sociedade do seu tempo – as mudanças políticas, econômicas, sociais, os novos comportamentos e as inovações. Não se pode imaginar o desenvolvimento dos séculos 19 e 20 sem a participação das publicações periódicas – os jornais e as revistas (ALI, 2009, p.306).

Com o objetivo de informar e entreter os leitores, as revistas trazem textos interpretativos, e opinativos. Assim, transformou a sociedade sendo uma formadora de opinião, informando e influenciando. De acordo com Ali (2009) a relação das revistas com a sociedade é entrelaçada, “algumas vezes são um reflexo da sociedade e se adaptam às mudanças morais, éticas, sociais, econômicas, políticas e aos movimentos do mercado; outras, ao contrário, a sociedade se reflete nelas” (p.306).

As revistas Veja e CartaCapital surgiram em períodos diferentes, enquanto uma surge no ápice da censura e repressão à imprensa, a outra surge em um regime democrático. As duas revistas tem estilos, editorial e posições que se diferem. A Veja sempre nega a sua opinião nos textos, tentando forçar uma suposta neutralidade, já a CartaCapital expressa abertamente sua posição política e ideológica (IUAN, 2015).

Esse trabalho tem como objetivo desenvolver a teoria do enquadramento noticioso através da análise do jornalismo de revista. Enquanto o jornalismo diário vai pelo viés da objetividade e agilidade, a revista surge na contramão da agilidade, acrescentando outros elementos, com uma



estrutura de periodicidade, seja semanal, quinzenal ou mensal, que envolve o texto jornalístico interpretativo.

Foram adotadas para o estudo as revistas brasileiras: *Veja*, da editora Abril, e a revista *CartaCapital*, da editora Confiança. A principal ferramenta de análise deste estudo é o conceito de enquadramento, dando o perfil de cada revista e analisaremos as reportagens de abertura sobre a derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo de Futebol de 2014.

Conceituando Enquadramento

O enquadramento nasceu da mesma noção do enquadramento da fotografia e do cinema, se referindo à angulação, os estilos de criação das imagens. Assim, esta abordagem passou a ser teórica, com o objetivo de analisar sucintamente como o jornalismo observa a realidade, a maneira que o jornalista organiza as ideias, dá ênfase e explica os fatos (LEAL, 2014). Esse conceito ganhou destaque nas análises relacionadas ao jornalismo impresso, que interfere na maneira com os fatos são contado e entendido pelos leitores (MESQUITA, 2014).

No princípio dos estudos de enquadramento eram voltados para analisar os fenômenos sociológicos e as interações sociais. Segundo Marcos Porto (apud MESQUITA, 2015), Erving Goffman defendeu esse conceito, pois definia o enquadramento

como os princípios de organização que governam os eventos sociais e nosso envolvimento nestes 16 eventos. Segundo o autor, tendemos a perceber os eventos e situações de acordo com enquadramentos que nos permitem responder à pergunta: ‘O que está ocorrendo aqui?’. Neste enfoque, enquadramentos são entendidos como marcos interpretativos mais gerais construídos socialmente que permitem as pessoas fazer sentido dos eventos e das situações sociais. (PORTO, 2002, p. 3)

Só no final da década de 1980 o enquadramento se aproximou do jornalismo, através de Robert Entman que analisou comparativamente a cobertura jornalística norte-americana de dois incidentes aéreos. Desta maneira ele verificou as escolhas narrativas de diversos veículos de comunicação, a adjetivação, as imagens, revelando as diferenças entre os meios para os leitores.



Já no Brasil, o conceito de enquadramento só ganhou força na metade dos anos 1990, com pesquisas marcadas por duas temáticas: mídia e política; a relação dos meios de comunicação com os movimentos sociais. (MESQUITA, 2015) Assim, de acordo com Marcos Porto (apud MESQUITA, 2015)

utilização do conceito de enquadramento por acadêmicos brasileiros expandiu-se nas pesquisas realizadas sobre a eleição presidencial de 1998. Vários autores recorreram ao conceito para ressaltar como a mídia construiu um cenário favorável à reeleição de Fernando Henrique Cardoso, principalmente no que se refere à cobertura da crise econômica que o país atravessava no período eleitoral. (PORTO, 2002, p 8).

O estudo do enquadramento implica a necessidade de considerar o contexto histórico, social e cultural, mostrando o processo em que o jornalista escolhe os aspectos da realidade que ele irá abordar no texto jornalístico. Portanto, abre a possibilidade de analisar as diferentes abordagens e significações das notícias para os meios de comunicação (MESQUITA, 2015). De acordo com Entman (apud MESQUITA, 2015), o enquadramento vai está presente em todos os processos de produção de um texto jornalístico, assim

Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de maneira a promover uma definição particular do problema, interpretações causais, avaliações morais e/ou recomendações de tratamento para o item descrito. (ENTMAN, 1993).

Diante disso, percebesse o quanto o texto jornalístico está ligado ao enquadramento, pois, através dele é possível organizar a notícia para que ela tenha um caráter mais realista. Segundo Góes (2014), “pensar a construção de enquadramentos jornalísticos passa por entender a lógica interna da produção do jornalismo permeada por processos organizacionais e na interrelação entre organizações sociais.” (p.6).

Esse trabalho tem como intuito analisar reportagens de cobertura sobre a derrota da seleção de futebol brasileira na Copa do Mundo de Futebol 2014, sendo uma da revista Veja e



outra da CartaCapital, publicadas no mesmo período. Tendo como objetivo verificar os principais enquadramentos utilizados, levando em consideração o perfil e a linha editorial das duas revistas.

O pesadelo não vai acabar?

A revista *Veja* foi fundada em 11 de setembro 1968 pelo jornalista Victor Civita, é uma revista semanal produzida pela editora “Abril”, segundo Wilder Vieira, (2015) “considerado um dos maiores conglomerados de comunicação da América Latina” (p.47). Consolidou-se como uma das revistas semanais mais importantes no Brasil, baseada no modelo da revista americana “Times”, tem uma tiragem de cerca de 1,2 milhão de exemplares, sendo considerada a revista de maior circulação no Brasil (MOISÉS, 2015). Os temas abordados são a respeito da sociedade brasileira, às vezes mundial, sobre política, cultura, comportamento, economia, tratando também de assuntos como, religião, tecnologia, e ecologia. Possuindo seções fixas sobre literatura, cinema, música e guias de diversos assuntos.

A edição 2382, do mês de julho de 2014, reservou seis páginas de sua revista para uma reportagem que tem o título “Um pesadelo para o sempre”, que tem como objetivo dar destaque para a maior derrota sofrida pela seleção brasileira durante uma copa do mundo da Fifa. São apresentados na matéria alguns dados de derrotas da seleção brasileira ao longo das copas, não só a que aconteceu no Brasil durante os meses de Junho e Julho de 2014. Além de passar toda a matéria destacando a vergonha que toda população brasileira está sentindo e vai sentir a partir dessa copa todas as vezes que esse assunto for lembrado.

Além do texto dramático, é presente a utilização dos recursos visuais para destacar e causar comoção aos dados que estão sendo apresentados aos leitores da revista *Veja*, trazendo as fotos (em anexo) de torcedores e os jogadores da seleção em lágrimas durante a partida. A matéria da revista também mostra um histórico de copas do mundo, revelando as maiores derrotas dos brasileiros, quantos mundiais aconteceram e alguns resultados de jogos históricos que marcaram gerações. Durante todo o texto existe o reforço do sentimento de tristeza, que se



torna ainda maior devido ao fato do mundial ter ocorrido no Brasil. Na maior parte do texto somente é abordado à forma “vergonhosa” que o Brasil perdeu na copa do mundo.

Na matéria não é focado mais nada que venha complementar a notícia a não ser a derrota. A revista aborda os atuais representantes da seleção, é muito destacado a forma que os jogadores não conseguem passar por fortes emoções, pressões, pois começam a chorar o que poderia ter se tornado uma causa da derrota que marcou a “seleção Canarinho” para sempre. O objetivo da matéria foi baseado em somente abordar a derrota da seleção, usando como ferramenta uma parte da história do futebol, o sofrimento dos jogadores, da torcida e para o resto dos admiradores da seleção brasileira de futebol.

O Brasil não deixou a desejar, só em campo

A Carta Capital é uma revista nova, acabou de completar 20 anos, foi fundada pelo ítalo-brasileiro Miro Carta, também é uma revista semanal publicada pela editora Confiança. Com apenas 65 mil exemplares semanais, Carta Capital ganhou destaque por criticar a mídia em geral, em muitos casos noticiosos a revista é contrária ao posicionamento dos grandes meios de comunicação (MESQUITA, 2014).

Algo marcante na revista é o posicionamento político, diferente dos demais veículos, a Carta Capital declara abertamente sua preferência política nos seus editoriais. Principalmente em período eleitoral. Assim, a revista se diferencia das demais por declarar sua opção política e por procurar analisar os meios de comunicação (MESQUITA, 2014).

Logo após a derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo de Futebol os jornais só falavam sobre isso. É normal esperar a repercussão, a cobertura do jogo, mas a edição 808 da Carta Capital abordou alguns temas contrários aos demais veículos. Nesta edição Miro Carta trouxe um texto com o título “S.O.S. em campo” que passaremos a analisar a partir do enquadramento.



O texto apresenta várias temáticas e enquadramentos. A princípio é abordada a reação das pessoas no estádio, mostrando que nem as crianças, nem os pais compreendem que o futebol é apenas um jogo, em que sempre há um vencedor e um perdedor. Também é abordado, com saudosismo, o que alguns radialistas da década de 1960 fariam da derrota do Brasil, como nesse trecho

“Moraes analisava os jogadores por duas lentes: tecnicamente e taticamente. Hoje a ele perguntaria, meu comentarista preferido, sucinto e certo nas apreciações, que diria a respeito do desempenho da Seleção Canarinho na fatídica semifinal de 8 de julho de 2014, contra o time teutônico.” (CARTA, 2015)

Algo muito abordado em todos os meios de comunicação, e na Carta Capital não foi diferente, foi à tentativa de achar um culpado pela derrota. No texto Miro Carta compara o técnico a um pai e os jogadores a crianças, enfatizando: “... enxergar nos jogadores a criança mal ensinada pelo pai.”. Ao mesmo tempo ele tenta amenizar a culpa que foi colocada ao técnico Felipe Scolari, mostrando que em outras copas os jogadores jogaram como quiseram sem precisar das dicas do técnico e trouxe um exemplo da copa de 1958. No entanto, em nenhum momento ele trouxe o placar do jogo.

Diante disso, ele compara como o futebol mudou, enriqueceu e se tornou criminoso, falando de fraudes que acontecem na FIFA. Sobre a riqueza, ele enfatiza a contratação de David Luiz por 50 milhões de libras e o chama de hipócrita e péssimo jogador, além de fazer chacota com o depoimento do atleta após a derrota. Além disso, ele critica os outros meios de comunicação por terem dado tanta importância para a derrota.

Por fim ele faz aborda a questão política e social do país. Tendo como objetivo, mostrar que os problemas do Brasil se restringiam aos gramados, comparou o discurso dos meios de comunicação com a organização do evento no Brasil. Desta maneira, ele deixa claro seu favoritismo político, abordando que a derrota da seleção não beneficiaria a reeleição de Dilma Rousseff, trazendo que todas as vezes que o Brasil perdeu uma copa o atual presidente não se reelegia, mas já houve exceções.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato a derrota da seleção brasileira na Copa 2014, realizada no Brasil, foi marcante em diversos aspectos, desde a atuação da seleção, como na situação do país como organizador do evento, o cenário político e a derrota histórica.

Como foi visto nas análises, as matérias da Veja e CartaCapital abordaram o mesmo tema, a derrota brasileira na copa do mundo, porém foram escolhidos enquadramentos diferentes para falar sobre esse assunto. Na matéria da revista Veja a abordagem é voltada somente para a derrota da seleção no mundial, apresentando ao leitor alguns dados históricos como o número de goleadas, a falta de preparo psicológico para fortes emoções em campo por parte dos jogadores, a expectativa de todos em um único jogador, sendo esse um dos motivos que possivelmente abalou a estrutura do time fazendo com que a seleção levasse uma goleada para a Alemanha. Em nenhum momento os aspectos crítico e político são mostrados dentro da matéria

Já a CartaCapital abordou diversos aspectos do fato, além de colocar em destaque como a derrota foi mostrada pela mídia, a situação pré - campanha e como isso afetaria a presidenta Dilma, trazendo questões políticas e sociais, mostrando também sua parcialidade no seu posicionamento político. Mas em alguns aspectos ela se aproximou de outros veículos, como na tentativa de achar um culpado, de mostrar que o povo brasileiro e os jogadores da seleção são despreparados, tanto para o jogo, quanto para uma derrota.

É perceptível a diferença entre os posicionamentos políticos e ideológicos das duas revistas, enquanto a Veja tenta neutralizar ou “esconder” sua preferência partidária, a CartaCapital expõem isso abertamente. A aproximação entre os dois periódicos está nos fatos jornalísticos, mesmo com enquadramentos distoantes, ambas as revistas abordaram a questão da derrota do Brasil e da marca que essa perca dentro de casa levará para os torcedores da seleção.



Referências

ALI, Fátima. **A Arte de Editar Revistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

CARTA, Mino. **S.O.S em campo**. CartaCapital, São Paulo: Editora Confiança. ed. 808, 10/07/2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/808/s-o-s-em-campo-4990.html> Acessado em 20 abr. 2015.

GÓES, José Cristian; FRANCISCATO, Carlos. **Contribuições da teoria do enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0889-1.pdf> Acessado em 26 de abr. 2015.

IUAN, Igor. **VEJA E CARTA CAPITAL: AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E IDEOLÓGICAS NA REVELAÇÃO DO CÂNCER DE DILMA ROUSSEFF**. 2014. 110f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Paraná. 2014. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/35327/R%20-%20D%20-%20IGOR%20IUAN.pdf?sequence=1> Acessado em 23 abr. 2015.

LEAL, Plínio. **Análise de Enquadramento Noticioso no Telejornalismo Brasileiro: divulgação jornalística dos dados da PNAD 2006**. Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, São Bernardo do Campo, 2008. Disponível em: http://www.academia.edu/340850/An%C3%A1lise_De_Enquadramento_Noticioso_No_Telejornalismo_Brasileiro_Divulga%C3%A7%C3%A3o_Jornal%C3%ADstica_Dos_Dados_Da_PNAD_2006 Acessado em 26 de abr. 2015

MARANHÃO, Carlos. **Um pesadelo para todo sempre**. Veja, São Paulo: Editora abril. ed. 2382, 16/07/14. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acessado em 20 abr. 2015.

MESQUITA, Flávio. **As fontes jornalísticas no Caso Dossiê – uma análise de enquadramento da cobertura das revistas Veja, Época, IstoÉ e CartaCapital**. 2008. 144f. Dissertação (Mestrado em Gêneros e



formatos na cultura midiática). Universidade Estadual Paulista. 2008. Disponível em: <https://www.faac.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Comunicacao/DissertacoesDefendidas/flavio.pdf>
Acessado em 23 de abr 2015.

MOISÉS, Diogo. **A revista Veja na cobertura da luta de terras no Brasil**: Análise da cobertura da revista Veja frente ao MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Monografia(Graduação em Jornalismo). Departamento de Comunicação. Centro Universitário de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <http://www.convergencia.jor.br/bancomonos/2005/diogo.pdf> Acessado em 23 de abr. 2014.

VIERIA, Wilder Mendes. **Análise das matérias de capa da revista Veja**: Estudo do estilo magazine, dos critérios de noticiabilidade e da responsabilidade na produção jornalística (edições: 1916 à 1923, ano 2005). Monografia(Graduação em Jornalismo). Departamento de Comunicação. Centro Universitário de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <http://www.convergencia.jor.br/bancomonos/2005/wilder.pdf> Acessado em 25 de abr. 2015.



ANEXO

Brasil

ACORA NÃO ADIANTA CHORAR
Consumada a tragédia, Dani Alz e Thiago Silva tentam se recompor

...pois, nunca se havia visto neste mundo — até 04 de julho de 2014. Esse rápido retrospecto dá uma primeira ideia do que significou, em termos históricos, a derrota da seleção brasileira diante da Alemanha por 7 a 1 no Mineirão, em Belo Horizonte. Os sete gols que os alemães marcaram a seu bel-prazer estão sendo atribuídos a um aguçado coletivo dos catariños. Palarmos a respeito dele nos parágrafos finais. Aberta a porteira depois do gol de Thomas Müller — saída da cobertura de um escanteio, com quatro alemães dentro da área, onde se encontraram nove jogadores do Brasil —, o pontapé inicial começou a acontecer. Ficou desconcertado, sem entender o que ocorria no próprio quintal. Decorridos dois minutos, veio segundo gol, marcado por Miroslav Klose, que assim chegou a liderança em quatro Copas e ultrapassou o nome Ronaldo, autor de quinze, como o maior artilheiro dos Mundiais. Com o recorde de Ronaldo batido — 2 a 0, o time entrou em paralisia. Mais um minuto, 3 a 0. Mais dois minutos, 4 a 0. Mais três minutos, 5 a 0. Quatro gols em

...seis minutos. Desde 1968 o Brasil não tomara cinco gols em uma Copa inteira. Tentou-se em meados de sexta-feira.

Era impossível entender a que se assistia. Em estado de choque como os jogadores, vários torcedores saíram dos seus lugares e foram respirar o ar fresco da tarde arejada do Interino mineiro ou ficaram andando atordoados de lá para cá nos corredores do estádio. Alguns resolveram ir embora. Crianças choravam nas arquibancadas, elas que, pessoalmente de um dia para o outro, deixavam de ser apresentadas na televisão, soavam em voz como seus pais, a seleção ser campeã. O que a TV mostrava mais tarde seriam cenas públicas, gravadas do Rio Grande do Sul ao Amazonas, de pessoas com praticamente as mesmas reações de incredulidade, que de tão lúcida pareciam moçadas no computador, com o rosto pintado de verde e amarelo, cores que iam sendo manchadas de lágrimas enquanto os gols se repetiam em sucessiva sequência.

Fosse uma luta de boxe, poderia ser jogada a bandeira. Mas era futebol, e restava o estado de choque. No estádio e no Brasil inteiro, o mesmo e a inevitabilidade da notícia.

7 x 1 Para Felipe, foi apenas "uma pane geral".
Ele apertou o próprio pescoço

...va de jogo corrido uma longa luta que culminaria um interminável massacre. De fato foi, com mais dois gols alemães no segundo tempo e, no final, um chute do meia Oscar que entrou nas redes. Constatava-se a pior derrota da seleção brasileira em sua saga de 100 anos, coberta de tantas glórias, troféus, títulos e financeiros: não somente com paridade a essa derrocada — fruto não de uma trapaça da sorte, como em 1950, mas construída tanto pela paralisia brasileira quanto pela competência técnica e pela organização do time alemão.

Aí então, a mala rebombante golada que o Brasil tinha tomado fora um 6 a 0 com o Uruguai, no remoto 1920. Na Copa, a maior derrota permanece fresca na memória: os 2 a 0 na final contra a França, em 1998. Em nenhuma ocasião, no Mundial, uma seleção levou cinco gols em um intervalo tão curto de tempo. Nem quatro em seis minutos. A sucessão de indigestões indolitas vai além. Com exceção de México, que não é uma potência continental, o Brasil tornou-se o primeiro

...VÍDEO 10 DE JULHO DE 2014